



## NOTAS SOBRE O HORIZONTE: UMA SITUAÇÃO

Karina Dias. UnB

**RESUMO:** Pensar o horizonte é estar atento à extensão que nos circunda, àquilo que excede à nossa visão. Um horizonte sempre cambiante e (in)visível, conhecido e pressentido, simultaneamente, limite e limiar, (im)possível de apreender porque não cessa de recuar a medida em que avançamos em sua direção. Como, então, alcançar aquilo que não se deixa capturar, tornar próximo aquele longínquo que (nos) chama? Questões como essas tecem toda a minha prática artística e teórica.

**Palavras-chave:** Horizonte, paisagem, olhar, limite, limiar.

**SOMMAIRE:** *Penser la notion de l'horizon, c'est percevoir ce qui nous entoure et aussi ce qui se situe au-delà de notre vision. Horizon mobile et (in)visible, il est reconnu et ressenti, il est simultanément seuil et limite, (im)possible à cerner parce qu'il nous échappe toujours. Comment alors, atteindre cette ligne qui ne se laisse jamais rejoindre, comment rendre proche ce lointain qui nous interpelle? Des questions comme celles-ci, tissent toute ma pratique artistique et théorique.*

**Mots-Clés:** *Horizon, paysage, regard, seuil, limite.*

Pensar o horizonte é estar atento à extensão que nos circunda, àquilo que excede à nossa visão. Horizonte quimérico porque sinaliza nos confins do visível um limite inatingível (CRIQUI, 2008) e ligado ao ponto de vista do sujeito, manifestando assim o elo entre a subjetividade daquele que contempla e o visível que se mostra condensado em sua linha.

Um horizonte sempre cambiante e (in)visível, conhecido e pressentido, simultaneamente, limite e limiar, (im)possível de apreender porque não cessa de recuar a medida em que avançamos em sua direção. Como, então, alcançar aquilo que não se deixa capturar, tornar próximo aquele longínquo que (nos) chama?

Horizonte fabuloso (COLLOT, 1998) porque sinaliza o limite do olhar, do seu alcance, para revelar o que daí se desenha. Ao mesmo tempo em que atesta que para além deste contorno, o mundo continua, que esse desenho não se esgota em meu ponto de vista, estendendo-se para além do que do que se vê para tornar-se a

paisagem vista/vivida por outrem. Para além do horizonte está o (in)visível que nos acompanha, a imensidão que se faz sentir.

O horizonte aqui é como um traço de união que alia o observador e o espaço a sua volta, a paisagem, a versão que torna possível a nossa experiência no mundo, que a torna mensurável porque a percebemos com o nosso corpo. Visão/versão encarnada em um corpo que sente porque olha, que olha porque conhece e que conhece porque percebe. Nesse movimento, solicitamos o horizonte para que o mundo a nossa volta tenha lugar, adquira a medida do nosso olhar, a escala de nossas percepções.

O horizonte torna a paisagem mensurável, ao mesmo tempo em que nos posiciona como observadores do limiar, e esse lugar parece ser aquele que nos situa no limite. Estar no limite, no limiar, é estar no momento preciso em que estamos em uma zona de estranhamento - nem lá e nem cá, aqui e ali - que separa o agora do outrora, o presente do vir-a-ser, que possibilita que o tempo seja sempre outro. Estar no limiar de uma visibilidade que convoca, é estar no intervalo que parece nos suspender no espaço e no tempo, nos lançando em uma imensidão, como sabemos, sempre íntima. Esse intervalo vacante, hesitante eu diria, nos posicionaria, então, na iminência de ver outra coisa, *“outra coisa, outra coisa sem que houvesse nem distância, nem ar, nem movimento; o longínquo que irrompe, que chama”*. (JACCOTTET, 1976, p.40)

### **Horizonte-paisagem: um certo olhar**

Sabemos que a paisagem é um ponto de vista, logo tributária de um certo modo de olhar. A maneira como cada um de nós percorre os espaços e os interpreta é íntima e pessoal. Dessa solitária experiência, nosso olhar seleciona, fragmenta o que nos envolve, capta e (re)ordena detalhes que compõem a nossa reserva de imagens vividas que ecoam os elos estabelecidos com o mundo que nos cerca. O espaço designado pelos olhos daquele que contempla, compõe uma paisagem, o seu horizonte.

Medida do olhar que silencia o ruído, a paisagem tem a duração de um ponto de vista. Este, originário de um movimento da visão que inclui ver e não ver, que evoca o detalhe e não o panorama, que solicita o horizonte porque parte e parcial,

limite e limiar. Por não sermos onividentes, elegemos o que vemos ou o que desejamos ver. Nesse movimento, a paisagem se configura como recorte e extensão, como moldura do olhar e imensidão, como o horizonte que se deixa escapar para redesenhar infinitamente o seu contorno... múltiplas maneiras de ver, de se ver o/no mundo.

Nesse processo que é o movimento do olhar, nós “sobrevooamos” o espaço que nos envolve, escrutamos os seus detalhes, muitas vezes, excessivamente banais. Nós os capturamos um após o outro, fragmento por fragmento, concebendo assim as nossas paisagens vividas. O movimento parece ser sempre o mesmo: circulamos ao largo, em um extenso panorama, ao mesmo tempo, em que cerramos continuamente o nosso olhar – mirando, fitando as porções que nos afetam, estabelecendo uma relação de proximidade e intimidade. As paisagens se compõem, então, desses pontos de contato e desses pontos de vista, entrelaçados um após o outro.

O olhar no sentido aqui formulado exerce sua força na descontinuidade, na fragmentação e em suas idas e vindas: o que é mirado sempre vem acompanhado do que ficou velado. Entre as modulações do olhar, as paisagens se compõem em um horizonte.

Porque não podemos ver tudo, porque nosso olhar não é soberano e nem capaz de apreender todas as nuances do mundo visível, de tudo cartografar, de traçar as rotas e os caminhos que nos conduziriam a uma visibilidade absoluta, ver a paisagem, é ver a falha, encontrar a fresta, é perceber que os limites da nossa visão são turvos e móveis, que a “descrição do visível nem sempre é a descrição do claro e do distinto. Ela pode ser a descrição exata do embaçado, do indistinto, do velado”. (LASCAULT, 1992, p.26)

Da fresta entreaberta entre o céu e a terra, emerge a distância que faz ver, sinalizando que estou onde não estou, que o horizonte situa porque convoca o (des)enraizamento: a imensidão é o movimento do homem imóvel (BACHELARD, 1998, p.190).

Nessa fenomenologia da extensão, uma *situ-ação* se define porque o espaço se torna paisagem. Se a paisagem, como escreve Gérard Wajcman (WAJCMAN,

2004, p.80) é o olho que avança, é o traçado do olho na espessura do mundo, o horizonte então se define no olhar, se revela como a falha que nos incita a recompor o mundo a nossa volta, a sentirmos o mundo, sentirmos-nos *no* mundo, a desvelar a imagem de um mundo vivido.

### **Horizonte: Seuil (Limite-Limiar)**

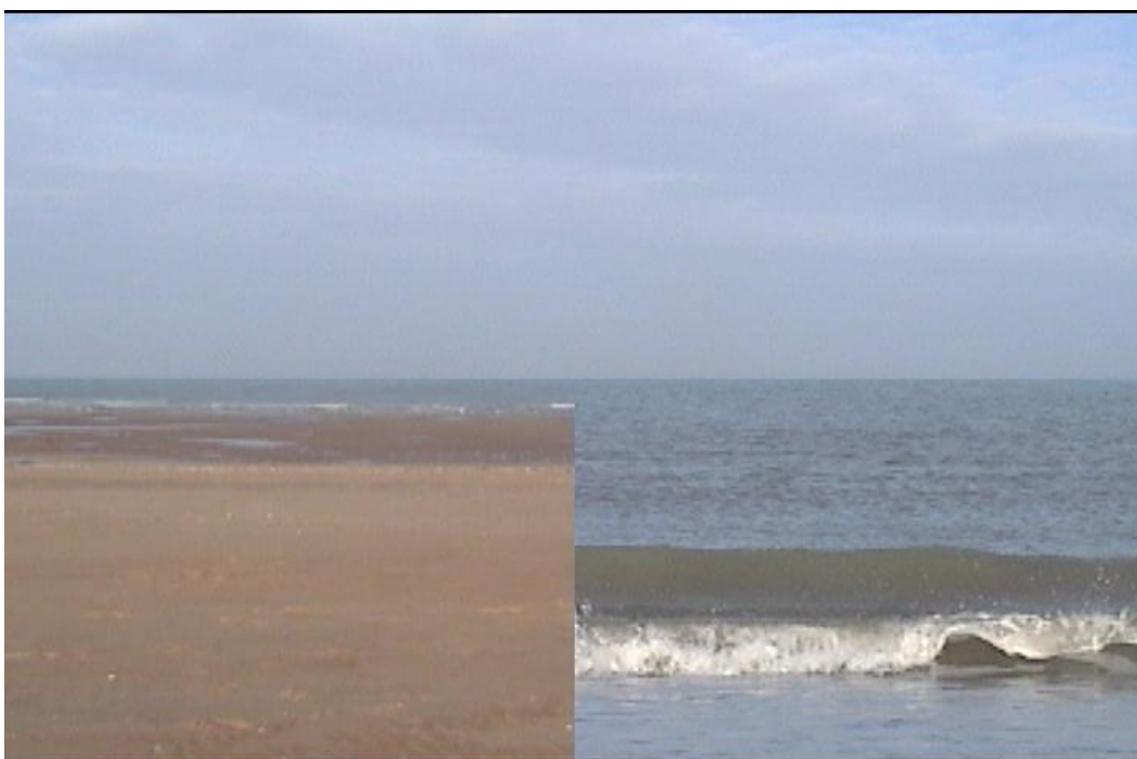
*Seuil (Limite)* é uma vídeo-projeção que apresenta dois planos distintos de um mesmo ponto de vista: a imagem de uma praia nas marés alta e baixa. Esses dois planos são, em princípio, apresentados separadamente, para serem em seguida justapostos e novamente separados. Cria-se assim um ciclo poético, maré baixa/ maré alta/ as duas marés simultaneamente/ maré alta/maré baixa... Quando observamos a imagem das duas marés reunidas, o estranhamento ganha lugar, pois, são dois momentos opostos no tempo, impossíveis de serem vistos simultaneamente. Estranha visão que acentua diferenças e constrói inesperadas alianças.



Karina Dias – *Seuil (Limite-Limiar)*, 2003, vídeo-projeção, 4', detalhe.



Karina Dias – *Seuil (Limite-Limiar)*, 2003, vídeo-projeção, 4', detalhe.



Karina Dias – *Seuil (Limite-Limiar)*, 2003, vídeo-projeção, 4', detalhe.

Assim que as imagens de cada uma das respectivas marés é apresentada, ouve-se o som do mar e, no instante em que as marés se encontram justapostas, o

silêncio se instala e a contemplação do (in)comum tem lugar. *Seuil (Limite-Limiar)* é a visualização de um ciclo de marés, da constante passagem de um estado a outro em um estado perpétuo de vir-a-ser, de devir... Meu desejo aqui era alojar o espectador no limite entre essas duas situações, em seu limiar, visualizando o que nunca poderia ser visto a olho nu. Improvável junção que evidencia não só o que vemos, mas também o que imaginamos. Um devaneio poético que nos conduz a um horizonte imaginado.

Se o horizonte é o limite real da nossa visão no mundo, podemos imaginar que, aqui, ele é subvertido porque atravessa dois tempos distintos, dois lugares que não co-habitam, sendo a um só tempo o limite, a união e a continuidade. O horizonte é a própria configuração da noção de limite, ao mesmo tempo em que é o início e o fim. Como nos lembra Michel Collot, ele é o ponto de passagem possível entre a paisagem visível e a paisagem imaginada (COLLOT, 1988, 17).

Estar no limite, no limiar, é estar no momento preciso em que não estamos em parte alguma, mas lá e cá, aqui e ali, no limite que separa o “onde” estamos de “onde” estávamos e para aonde iremos. Se pensarmos uma vez mais no movimento do olhar, seria como se situar entre o que realmente vimos, o que vemos neste momento e o que talvez venhamos a ver no futuro próximo. Estar no limiar da visibilidade, é, como já apontado, estar no intervalo que parece nos suspender no espaço e no tempo. Seria como prender a respiração e esperar, segurar o sopro que traz o eco da imensidão. Munidos do ar que repousa no horizonte (BACHELARD, 1998, p. 202), seríamos então lançados nesse intervalo que nos posicionaria sempre na iminência de ver um pouco mais além, de ter outros olhos que, desejosos de horizonte, converteriam os limites do olhar na disjunção que (re)pontua infinitamente o mundo visível.

Poderia dizer que minhas intervenções a céu aberto e meus vídeos são como rastros que sinalizam limiares vividos, aqueles momentos em que consegui ver de outra forma. São como balizas que vão desenhando o trajeto do meu olhar pelo espaço cotidiano. São a demarcação poética dos meus percursos, lá onde eu andei e tomei posse, ocupei uma posição, concebi um ponto de vista.

Em *Seuil (Limite-Limiar)*, tive em mente o movimento pendular para montar o vídeo, aquele que ora separa e ora reúne as imagens, posicionando o espectador entre um ir e vir, entre aquilo que se conhece bem, as duas marés, e aquilo que não se espera, a sua junção. Nesse embalo do artífice, acentuar diferenças é de certa forma intensificar uma situação anacrônica, é provocar o incômodo que impõe novos horizontes.

Quando observamos as duas marés simultaneamente, as imagens estão separadas por uma linha vertical atemporal e metafórica. Limite que incomoda porque é abertura, fenda que torna visível a coexistência de dois tempos. Essa imagem pode ser evocada como uma configuração possível, entre tantas outras, da trama do visível evocada anteriormente. A linha que divide verticalmente a imagem é, ao mesmo tempo, o elo que agrega e a diferença que se impõe. Aqui, cada uma das paisagens mostradas isoladamente é singular, no entanto, relança o espectador no que foi visto anteriormente. Imagem-trama feita de bifurcações e alteridades, zonas de intersecção e de desvios, fragmentos isolados e conjunções (re)organizadas.

Porém, podemos desconfiar dessa imagem geométrica e de sua arbitrária descrição, pois há detalhes na imagem que escapam ao previsível e perturbam a cena, assinalando que “*a separação de um céu pálido desse mar escuro*” (MAURRAS, 1954, p.179) contém outras falhas. Nessa “*falha entreaberta entre o céu*” (COLLOT, 1988, 11) e o mar das duas marés, observamos que o horizonte é um só. É preciso notar que a linha vertical metafórica que separa as duas marés e os dois tempos, encontra a linha do horizonte, mas não separa nem o horizonte nem o céu. Penso nesse tênue cruzamento como um ponto de reviravolta, de mudança de direção, onde conexões impensáveis têm lugar. Zona de fronteira que revela os limites da nossa visão e o que deles escapa, acentuando que a configuração da trama do visível é efêmera, instável e abriga um movimento que parece ser sempre o mesmo: focalização e desfocalização, nitidez e embaçamento.

Assim, a paisagem se reconstitui a cada vinte segundos, intervalo entre cada maré de nosso ciclo. O que vemos se desenha, se estrutura e se transforma a cada fusão das imagens. Limites que se alteram porque se altera a nossa maneira de ver. Aqui, a praia é a fronteira que surge para depois desaparecer, sempre na iminência

de ser invadida pela água e abandonada por ela. O observador atento acompanha, então, o movimento que (re)configura o horizonte, esse que é pura utopia.

### **Considerações Finais :**

Pensar poeticamente o horizonte é constatar que somos seres situados, (des)enraizados, prontos a espreitar para além do que podemos ver. O horizonte atesta que a partir dele, (des)conhecemos o mundo. Horizonte que nos acompanha como uma sombra, que sinaliza que não conseguimos mapear todos os objetos do mundo, apenas a face iluminada pelo nosso olhar.

Se todo horizonte é uma quimera, a paisagem por sua vez é uma situação que nos convoca porque solicita que estabeleçamos os elos que nos farão ver que o mundo a nossa volta está sempre em constituição. Habitados demais a nossa posição privilegiada de observadores do mundo, pensar o horizonte é focalizar a falha, é se sentir à beira, experimentando o limite que nos conduz a uma nova percepção, à absoluta certeza de que a incompletude é eterna, que a nossa visão é sempre marginal porque vemos em parte, vemos as partes... vemos porque não vemos. E nesse espaço vacante, na cisão que solicita o nosso olhar, somos desejosos de utopia, de uma utopia que nos conduz ao interior de um mundo em que as coisas tem a capacidade de nos de nos des-locar.

### **REFERÊNCIAS :**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CRQUI, Jean-Pierre. *L'Horizon Chimérique – Ed Ruscha, Jean-Marc Bustamante*. Strasbourg: Musées de Strasbourg, 2008.

COLLOT, Michel. *L'Horizon fabuleux*. Paris: Corti, 1988.

DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: Paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2010.

JACCOTTET, Philippe. *Sur le seuil in JACCOTTET, Philippe. Paysages avec figures absentes*. Paris: Gallimard, 1976, p.40. Tradução livre do francês para o português realizada pela autora.

LASCAULT, Gilbert. *Écrits timides sur le visible*. Paris: armand Colin, 1992, p.26

MAURRAS, Anthinéa. *Oeuvres Capitales*. Paris: Flammarion, tomo I, 1954, p.179.

WAJCMAN, Gérard. *Fenêtre chronique du regard et de l'intime*. Lagrasse: Éditions du verdier, 2004, p.80.

### **Karina Dias**

Professora Adjunta da Universidade de Brasília – UnB, possui Pós-Doutorado em Poéticas Contemporâneas (UnB), Doutorado em Artes pela Université Paris I – Panthéon Sorbonne. Trabalha com vídeo e intervenção urbana, expondo no Brasil e no exterior. É autora do livro *Entre visão e invisão: Paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]*, editado pelo Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília.